"E ELA DERRAMOU SEU PERFUME..." (Mc 14,3-9)
Sexualidade de mulher em cantos, contos e encantos

Maria Soave Buscemi

A vida e o canto

Sempre gostei de perfumes. Não sou uma boa filósofa, mas, desde cedo, me perguntei qual é a essência, a matéria primordial da qual somos feitas mulheres e homens.

Sei que a humanidade, desde o começo do seu viver neste mundo, se fez esta pergunta.

Alguns disseram que somos água, outros que somos fogo, outros que somos terra e outros ainda que somos ar. Parece que os quatro elementos primordiais e simbólicos fazem-nos ser vivos e ser humanos. Somos água, terra, fogo e ar. Acredito nisso: é profundamente humano e é ecológico. Desta ontologia, deste discurso sobre o ser, sobre a vida, nasce uma ética, uma prática ecológica de relações includentes entre as pessoas, com a Divindade e com a terra...

Mas penso que minha memória e o meu desejo não acompanham pensamentos filosóficos. Penso que minha recordação é aquilo que o coração guarda, tem a ver com sentidos, com cores, com toques, com sabores, com sons e, sobretudo, tem a ver com cheiros...

Sempre gostei de perfumes. A memória das estações da minha terra está ligada aos cheiros.

É único, profundamente único e fonte de lágrimas de saudade prazerosa, o cheiro de hortelã selvagem nos campos de trigo abraçados por oliveiras na primavera do sul da Itália.

É doce e desmancha qualquer tristeza no meu corpo o cheiro do Mar Mediterrâneo nas primeiras horas dos dias de verão, quando a noite não é mais noite e o dia ainda não é dia, tempo mágico do indefinido e do inútil. O mar manso e verde cristalino traz o cheiro das suas ervas, e a planta de alcaparras se abre escancarada, ampla, para abraçar os meus sentidos.

São como um fazer o amor devagar, os meus pés pisando as folhas caídas no chão do parque da grande cidade nos dias de outono. É o cheiro úmido da terra e das últimas gotas de vida nas folhas, é o cheiro da nostalgia que se faz doce tristeza: um cheiro que só ouvidos atentos podem perceber no lento caminhar no meio das folhas caídas no parque.

É o cheiro de inverno e de pinhão assado na chapa do fogão da cozinha que me traz a alegria da terra dos pinheiros araucárias, a "árvore da terra do povo livre", um

cheiro de casa, de aconchego, que penetra o meu corpo e as minhas roupas que secam ao redor do fogão.

Cheiros. Sempre gostei de perfumes e penso que de cheiros a humanidade é feita.

Pendurados na cabeceira da minha cama estão alguns saquinhos de cheiros. Contêm ervas do Mediterrâneo, da terra que me viu nascer. Quando estou com saudade, eu adormeço cheirando saquinhos de tecidos coloridos com os cheiros da minha terra e de minha gente.

Sempre gostei de perfumes. São os perfumes que me trazem de volta minhas terras longínquas lá do outro lado do mundo. Ainda mais gosto de cheiros que me trazem de volta pessoas que já morreram. O cheiro de sabão caseiro nas roupas de cama de linho grosso me traz de volta o corpo enrugado da minha velha avó da "terra do meio".

O cheiro das tâmaras maduras e da pele queimada pelo deserto do Saara me traz de volta um amor que já vive no tempo para sempre.

O cheiro do prato típico da terra-mar onde nasci me traz de volta minhas raízes. Cheiro de pão de trigo duro, saído do forno e molhado na água cristalina da fonte das tamareiras perto do mar. O cheiro dos pequenos tomates, do sol, do sal tirado do mar, das alcachofras, das alcaparras e do azeite de oliva.

"Frisella", comida dos pobres da terra, grande prato onde todas as pessoas comem com as mãos, festa da partilha e do amor.

Sempre gostei de perfumes. A minha memória é a morada dos perfumes, o meu desejo é feito de cheiros e a minha recordação balança a rede do amor e da saudade que é feita de cheiros e perfumes... Sou feita de cheiros. As luas trazem para o meu corpo de mulher cheiros e humores diferentes. A lua cheia é o meu tempo de fertilidade, é tempo de ovulação, do cheiro forte do desejo e da vida que grita mais alto do que qualquer morte.

A lua cheia me traz o tempo de humores que não são sólidos e não são líquidos, humores que anunciam a vida e o prazer pelo gostoso gosto de viver. O cheiro da minha boca profunda me anuncia saúde e vida.

A lua negra, a lua nova, aparece com a linda cor do sangue. É o cheiro da vida e da sabedoria que fluem, abundantes, entre as minhas pernas. É o cheiro do sangue vivo que me traz a alegria da renovação do meu corpo, e da vida eterna, que se faz eterna nas pequenas mortes-vidas de cada lua nos corpos das mulheres. Sou feita de cheiros. No abraço do amor, no carinho e no grito de prazer, o meu sexo doa à vida o cheiro mais profundo, fundante do meu ser. Um cheiro forte, vital, que permeia todos os poros de minha pele, cheiro que fala, através da minha boca profunda, do prazer partilhado e da vida recriada. É o perfume precioso que o meu corpo de mulher oferece ao amor que se faz abraço.

Não foi fácil para o meu corpo de mulher abrir o frasco e derramar o seu perfume.

Fui criada nos duros códigos de honra e vergonha dos povos mediterrâneos. Não é fácil nascer mulher neste mundo cheio de regras e proibições. Carreguei por muitos anos o fardo da responsabilidade de honra para a família, e a vergonha do meu corpo de mulher que as mulheres silenciosas e vestidas de preto me ensinaram nos primeiros anos da minha vida nas terras queimadas pelo sol do extremo sul da Itália.

O meu perfume ficou guardado num frasco precioso por muito tempo. Um frasco sigilado pelos códigos éticos de honra e vergonha que os homens da sociedade mediterrânea inventaram e aos quais as mulheres fielmente obedeciam.

Um frasco sigilado pelos códigos morais da Igreja que afundaram cada vez mais as feridas no meu corpo e esconderam num recanto escuro e esquecido o meu perfume precioso.

É de corpos, cheiros, humores, frascos sigilados, gritos de prazer e perfumes derramados que quero falar.

É de sexualidade, do totalmente profundo como caminho do encontro com o totalmente divino que quero partilhar.

Por isso procuro na Vida e na Bíblia a palavra do grito de prazer que doa vida sem limites.

Quem foi que fechou o meu frasco de perfume?

A idéia de que o sexo tem uma profunda dimensão espiritual está enraizada em antigas tradições, desde a era pré-histórica.

Estas antiqüíssimas tradições não só oferecem importantes informações sobre o nosso passado longínquo, mas têm implicações profundas a respeito do nosso presente e do nosso futuro.

Encontramos, por exemplo, em antigos textos mesopotâmicos, as sacerdotisas da Deusa que iniciavam os homens, através de rituais eróticos, aos cultos místéricos, nos quais considerava-se uma fundamental experiência espiritual o dar e receber prazer, ao contrário do suportar a dor, como acontece em muitas religiões baseadas sobre a lei do domínio.

Na epopéia suméria de Gilgamesh, segundo os estudiosos a primeira escrita no Ocidente, lemos de uma mulher (que os tradutores chamam de "sacerdotisa da Deusa") que transforma o selvagem Enkidu em ser humano fazendo sexo com ele, ajudando-o a viver sábio como um deus.

Com o desaparecimento do culto à deusa e o fortalecimento do domínio do homem (androcracia), desapareceu o uso do prazer erótico como meio de encontrar o conhecimento e uma mais profunda espiritualidade para as duas pessoas em relação.

O fato de a sexualidade ter sido, outrora, associada ao sagrado não aconteceu num vazio histórico absoluto. O tempo em que o erotismo era associado ao sagrado

caracterizava-se por uma sociedade em que mulheres e homens viviam num estado de maior igualdade; por sociedades geralmente mais justas e pacíficas, onde o poder de criar, defender e iluminar a vida – e não o poder de dominar e destruir – era ainda considerado o poder supremo do universo.

Isto não significa que estas sociedades centradas no culto da deusa, na defesa da vida e em relações de maior igualdade entre mulheres e homens, fossem sociedades totalmente livres de violência. Mas uma coisa é reconhecer as nossas sombras, o fato de que, às vezes, as pessoas fazem ações violentas e opressoras, e outra coisa é organizar uma sociedade de um jeito que, para conservar as rígidas dominações hierárquicas, a violência e a opressão sejam institucionalizadas.

Quando inventaram que, para devolver harmonia ao caos, tinha que existir um deus armado, chamado Eros?

Na mitologia ocidental, Eros é a encarnação divina do amor erótico e, segundo Hesíodo, uma das divindades mais antigas.

O escritor clássico Homero não fala de Eros porque, para este poeta, o amor pertence à deusa Afrodite.

Os estudiosos da mitologia grega supõem que tenha havido um precursor de Eros, bissexual ou andrógino, mistura de imagem feminina e masculina, que se encontra na arte neolítica e paleolítica.

Só na Grécia clássica (700 aC), Eros começa a ser descrito exclusivamente como deus masculino.

Com o passar do tempo, Eros tornou-se filho de Afrodite, deusa grega do amor, uma das divindades mais antigas do panteão olímpico, mas tornou-se também filho de Ares, o deus grego da guerra.

Em conseqüência, o amor sexual era imaginado pelos gregos como um jovem alado e armado de arco e flechas, que jogava, sem cuidado nenhum, os delírios e as agonias do amor.

Na época romana, com o nome de Cupido ou Amor, Eros assumiu uma outra transformação, ao tornar-se um menininho gorducho e alado, sempre filho da deusa do amor, mas agora caprichoso e malicioso. No mundo romano, Amor tem um irmão, Anteros, o inimigo do amor.

Então, como determinaram-se estas mudanças na história? O que aconteceu com a Deusa concebida como fonte divina da vida e do prazer? O que aconteceu com todas as imagens da criatividade sexual feminina? Quando começamos a considerar "natural" que uma arma pode suscitar o amor erótico? E como passamos dos ritos eróticos como caminho ao conhecimento e à profunda experiência espiritual, para a instituição do casamento moderno, onde a sexualidade da mulher vira propriedade do homem, sob o controle das divindades e instituições masculinas e androcráticas?

Quando inventaram que sexo e dominação andam abraçados?

Segundo uma explicação, bem aceita por um tempo, quando os homens descobriram ter um papel ativo na procriação, isto é, quando descobriram a ligação entre ato sexual, gravidez e nascimento, quando descobriram que eles também eram sujeitos da procriação, então passaram a dominar as mulheres com violência. Parecia, então, que, depois do descobrimento da paternidade, os homens assumiram o poder temporal e espiritual.

Mas as teorias sociológicas estruturalistas dizem que sistemas sociais cada vez mais complexos e "desenvolvidos" estruturalmente precisam de hierarquias de domínio (Marx/Engels, séc. XIX).

Hoje, muitas pessoas pensam que a passagem pré-histórica para uma organização social da dominação NÃO foi um inevitável passo de "desenvolvimento", mas fruto de invasões de pastores nômades que vinham de lugares áridos do planeta.

O geógrafo norte-americano James De Meo diz que eram dois os territórios dos quais vieram as primeira sociedades androcráticas, ou da dominação. Um era o atual deserto da Arábia, o outro, o Sudeste da Ásia.

De Meo atribui as migrações destes povos a radicais mudanças climáticas acontecidas por volta de 4500 aC nestas regiões.

As mudanças climáticas (forte processo de desertificação) desencadearam uma complexa seqüência de eventos: carestias, caos social, abandono das terras e migração massiva, provocando uma transformação fundamental da organização social e sexual, daquela que era a corrente principal da evolução cultural humana.

De Meo, estudando as mudanças climáticas acontecidas em milhares de anos e também o processo de desertificação da região da Saarásia (região que se estende da África do Norte, passando pelo Oriente Médio, até a Ásia central), afirma que destas regiões – lugares de pastoreio e não mais de agricultura – saíram as migrações e as invasões de pastores nômades para regiões mais férteis.

Estas regiões, segundo De Meo, não ficaram áridas antes de 4000 aC, e a maioria dos processos de desertificação destas regiões aconteceram entre 3500 e 3000 aC, época na qual se intensificaram enormemente as invasões de pastores nômades nas regiões vizinhas da Europa e do Oriente Médio.

Estes grupos humanos de pastoreio, como também afirma a arqueóloga feminista Marjia Gimbutas, vinham de lugares onde a agricultura nunca tinha sido ou não mais era possível. Estes pastores nômades tiveram que criar, por volta de 3500 aC, uma "couraça psicológica", aquele abafamento das emoções positivas, que é conseqüência de graves traumas, devidos à seca ou a outros graves problemas ambientais. Estes traumas físicos e psicológicos com o tempo podem institucionalizar-se em uma série de costumes sociais.

A antropóloga americana Peggy Reeves Sanday, estudando mais de cem sociedades tribais do deserto, escreve que "os homens reagem ao estresse produzido

pela falta de comida ou por causa da contínua migração, se reunindo em bando, excluindo mulheres de cultos ligados ao poder masculino e sendo muito agressivos com as mulheres".

Outro fator importante é que o pastoreio (a criação de rebanhos de animais como fonte primária e, às vezes, única de alimento) não é só o resultado de um habitat geográfico inóspito, mas também uma atividade que contribui bastante para a aridez e a inospitalidade do habitat ecológico.

O pastoreio não é uma atividade ecológica também porque pressupõe o aprisionamento de animais, seres que serão explorados pelos produtos que produzem e depois serão matados.

Esta convivência "normal" com a carneação de animais na sociedade do pastoreio poderia explicar também o abafamento das "emoções doces", que caracteriza sociedades androcráticas e machistas.

Além disso, se é costume viver de animais presos para tirar deles carne, queijo, leite, pele etc., pode-se abrir o leque e pensar que as pessoas possam ser consideradas da mesma forma e pode acontecer o que a psicologia chama de "achatamento afetivo", a redução das emoções de simpatia, ternura e empatia.

É interessante notar como, ainda hoje, na Saarásia, entre os povos tribais, o amor sexual entre mulher e homem é sistematicamente desaprovado.

Em muitas destas tribos nômades do deserto, as mulheres são condicionadas a reprimir qualquer interesse sexual. As "boas mulheres" negam o interesse pela sexualidade e negam a própria sexualidade. Se a mulher não se comportar desta forma é "qhaba" (prostituta) ou "sharmuta" (puta). O pudor e a modéstia são "virtudes" fundamentais para estas mulheres e a honra dos homens está baseada no controle das próprias paixões e das "funções naturais", incluindo a sexualidade.

Em outros termos, segundo as normas do código de honra e vergonha, estabelecidas pelos homens, nestas sociedades de rígida dominação masculina (androcracia), termos como honra, desonra, vergonha, superioridade moral, inferioridade moral, responsabilidade e dependência, são usados para mascarar a dura realidade de um controle absoluto, de um direito de vida e de morte dos homens sobre as mulheres, e então também sobre a sexualidade e os poderes reprodutivos femininos.

Um conto, o texto, para abrir de novo o frasco do perfume (Mc 14,3-9)

V. 3. – *E encontrando-se ele em Betânia, na casa de Simão o leproso, e, enquanto estava sentado à mesa, veio uma mulher com um vaso de alabastro com um bálsamo de nardo puro e de muito valor.*

Quebrado o vaso, (a mulher) derramou o bálsamo na cabeça dele.

V. 4. – *Mas alguns iraram-se (pensando) entre eles: "Por que está acontecendo este desperdício de bálsamo?"*

V. 5. – *Pois este bálsamo poderia ser vendido por mais de trezentos denários e ser dado aos pobres. E fremiam contra ela.*

V. 6. – *Então Jesus disse: "Comecem a deixá-la em paz. Por que provocam sofrimento a ela? Ela fez para mim uma ação bela, prazerosa, por isso, boa.*

V. 7. – *Vocês sempre moram no meio dos pobres, e vocês mesmos, em qualquer momento, podem fazer o bem para eles, mas a mim nem sempre vocês tem.*

V. 8. – *Ela fez o que tinha (podia), antecipou a unção e o perfume do meu corpo para a sepultura.*

V. 9. – *Amém (sinceramente), ao contrário do que vocês pensam, eu lhes digo: Em todo lugar e a qualquer momento em que for anunciado o evangelho, no mundo inteiro, também o que ela fez será contado, em memória dela".*

Betânia, lugarejo de uma região semi-árida. Pouca é a água nestes territórios. A cor das montanhas secas se mistura com a poeira e a cor das pessoas. A água é um bem muito precioso nesta terra em declive entre Jerusalém e Jericó.

Muitos são os significados da palavra Betânia. Pode ser "casa da carestia/miséria" (Bet/anyia), "barraco" e também Bêt-hînî, "casa das tâmaras".

Penso ser importante imaginar o espaço geográfico deste acontecimento entre "a casa da miséria" e "a casa das tâmaras". Ele tem a dureza da vida das regiões semidesérticas na "casa da miséria". É a realidade de quem se criou, de geração em geração, na dureza do pastoreio, sufocando emoções doces de ternura, numa cultura violenta, androcrática, onde amar era formalmente proibido.

Ele tem cheiro de deserto e de tribalismo, de pequenos agricultores e criadores de poucas cabras na "casa das tâmaras".

Ele tem sabor de antigos contos e encantos; de árvores da vida, de tamareiras, plantadas no meio de uma horta cultivada como um jardim (Gn 2,4s).

"A horta/jardim interior é o santuário sagrado no qual nos encontramos com a Divindade, o profundo feminino, a fonte subterrânea do poder e da expressão femininos. Havia um tempo em que estávamos profundamente enraizadas neste lugar, onde expressávamos poder e sexualidade sem nenhuma ruptura. É esta totalidade, sem ambigüidade, que vemos nas antigas figuras femininas.

Éramos cobra e água, terra e céu, corpo e espírito.

Podíamos convidar o homem naquela horta/jardim e ele vinha"[1].

1. NOBLE, Vicky. *Shakti Woman.* San Francisco: Harper San Francisco, 1980, p. 198.

Aí estão as cores do arco-íris, de uma humanidade de iguais, frente a frente, tirada da terra, filha da terra, vivendo pelo gosto de viver na "casa das tâmaras". Aí estão os cheiros e gritos de prazer nos frutos das tamareiras. Um sabor que desperta todos os sentidos do corpo e torna erótico o viver.

Betânia: entre violência e prazer. Betânia: entre miséria e tâmaras. Betânia: entre o fechamento do patriarcalismo e o escancaramento erótico de relações entre iguais. Betânia entre "alguns" e o corpo de uma mulher e Jesus. Parece-me que o texto de Mc 14,3-9 traz este contexto geográfico entre "a casa da miséria" e a "casa das tâmaras".

Mc 14,3-9 traz também um contexto cultural e de relações de gênero entre "a casa da androcracia, da dureza e da violência" e a "casa da inclusão, das relações frente a frente, da ternura e do prazer".

Parece-me que o texto de Mc 14,3-9 traz o conflito entre "alguns" e o corpo de uma mulher e de Jesus.

É destes conflitos em Betânia que quero falar. Quero entrar, com a minha sexualidade de mulher, dentro desta casa e olhar as relações das pessoas que lá se encontram.

É uma mulher anônima, pelo menos ainda não conhecida no texto, a que entra na sala onde Jesus está acomodado para a refeição.

Não deveria ser uma mulher estranha ao grupo, porque teve acesso à casa de Simão, mas, para o texto, ainda é uma mulher desconhecida.

As suas mãos estão ocupadas em carregar um vaso de alabastro. Pedra preciosa, branca, translúcida, quase transparente, normalmente usada para conter óleos e perfumes preciosos. É de preciosidade e de grande qualidade que o texto nos fala. O bálsamo, o óleo de nardo, é dos mais puros (v. 3c).

Nardo (*nardostachys jatamansi*), uma planta herbácea da família das valerianáceas, originária da Ásia, provavelmente dos territórios da antiga cidade de Naarda, uma cidade da Síria, perto do rio Eufrates.

Esta planta de perfume agradável, hoje chamada lavanda, se encontrava também nas regiões da Espanha, da Itália e do sul da França. Os fenícios, por volta do 700 aC, importaram este produto para o mundo grego.

O historiador romano Plínio diz, em seu "Naturalis historiae libri XXXVII", que "vasos de nardo de alabastro eram vendidos por centenas de denários romanos".

Nardo, planta preciosa e perigosa. Era de conhecimento comum que, no meio das plantas de nardo, as áspides, espécie de víboras muito venenosas, faziam seus ninhos.

Quem se aproximasse para colher as flores para fazer perfumes, óleos ou chás, tinha que fazê-lo com muito cuidado.

Na antiga farmacologia e perfumaria, o nardo não era só usado por causa de seu agradável perfume. A sua essência possuía propriedades digestivas e tranqüilizantes.

Sobretudo o óleo, massageado na cabeça, ajudava a acalmar dores e preocupações. O óleo ajudava a sarar de todos os venenos, sobretudo de mordidas de cachorro e de cobra. O óleo de nardo tinha poder afrodisíaco, como o óleo de rosas.

Em casos de desilusão, tristeza e derrota, uma massagem com óleo de nardo nas têmporas ajudava a superar o estado de depressão e reanimava o corpo cansado. "Quebrado o vaso, (a mulher) derramou o bálsamo na cabeça dele" (v. 3d).

Uma ação única, irrepetível. Um óleo precioso e de grande valor. Uma mulher que, agora, não é mais anônima. Uma relação profundamente íntima, sexual, erótica, sem medos e pudores... sem violência e dominação. Os corpos abertos, devolvendo e entrelaçando humores e perfumes. Corpos plenos, vivos, escancarados, consolados, ressuscitados... O erotismo que devolve vida onde a vida é desiludida, entristecida, derrotada...

"Mas alguns iraram-se (pensando) entre eles: Por que está acontecendo este desperdício de bálsamo?" (v. 4).

Parece-me que o conflito de "alguns" não nasce pela ação da mulher em si, mas por causa da plenitude, fartura, abundância orgásmica que a ação contém.

"Por que está acontecendo este desperdício de bálsamo?" Poderiam ter sido suficientes algumas gotas de óleo precioso, é preciso saber controlar sentimentos e corpos, e o senso comum dizia que muito óleo de nardo derramado no corpo podia provocar a morte da pessoa... "pequena morte", assim o mundo de idioma francês chama o grito de prazer depois do amor.

Parece clara a necessidade de "alguns" de controlar os gestos, as ações, os perfumes derramados, os corpos abertos, amplos, generosos... desperdiçando perfumes, humores e cheiros.

A necessidade de "alguns" de controlar o erotismo das mulheres. Meninas bem comportadas, de pernas fechadas, nunca irão derrotar o antigo e violento poder androcrático e machista.

E o controle de "alguns" sobre os corpos das mulheres se torna, também, controle violento sobre a grande maioria dos corpos dos homens, independentemente das opções sexuais.

Controle dos nossos corpos de mulheres e homens por parte de "alguns" através da categoria econômica.

"Pois este bálsamo poderia ser vendido por mais de 300 denários e ser dado aos pobres" (v. 5a).

E muitos corpos se fecham, recuam, congelam, paralisam em nome do mercado, da produção e, na cultura cristã, da moral.

"Então Jesus disse: Comecem a deixá-la em paz Por que provocam sofrimento a ela? Ela fez para mim uma ação bela, prazerosa, por isso, boa" (v. 6).

"Kalós", em grego, é o bonito, a beleza na sua essência profunda. É o lindo e prazeroso em todos os sentidos e com todos os sentidos. Porque existe esta profunda beleza é que se pode falar de bondade. A bondade, nesta parte do texto, existe porque está na beleza e no prazer da ação. Quantas vezes deixamos de derramar os nossos vasos de alabastro com óleo de nardo precioso pensando no "bom" como inimigo do "bonito e prazeroso", pensando o "bonito e prazeroso" subordinados ao "bom e moral". E o "bom e moral" tornaram-se, assim, às vezes, sacrifício, dor, corpos tristes, gelados e fechados...

"Ela fez o que tinha (o que podia)..." (v. 8a).

É interessante a composição grega do verbo no aoristo. O verbo "ter" é usado no sentido aramaico: "é para mim" igual a "eu tenho", então "eu posso". Há plenitude nesta ação, a mesma abundância plena, viva, escancarada, consoladora e recriadora do perfume derramado.

Ela fez tudo o que tinha e podia. Há desejo e poder nesta ação. Há reconhecimento do erotismo.

"A partilha da alegria física, emotiva, psíquica ou intelectual, coloca uma ponte entre as pessoas que a partilham, uma ponte que pode ser a base para compreender quanto entre elas não é compartilhado, e para reduzir a ameaça da diferença (...).

Quando vivemos fora de nós mesmas, com isso entendo viver segundo necessidades internas, quando vivemos longe das guias eróticas que estão dentro de nós, então a nossa vida é limitada por formas exteriores e estranhas, e nos conformamos às necessidades de uma estrutura que não tem alicerces a partir das necessidades humanas e, muito menos, individuais.

Mas, quando começamos a viver do interior para o exterior de nós mesmas, em contato com o poder do erótico que está dentro de nós, permitindo a este poder informar e iluminar nossas ações no mundo ao nosso redor, então nos tornamos responsáveis por nós mesmas, no sentido mais profundo.

Quando começamos a reconhecer os nossos sentimentos mais profundos, necessariamente paramos de nos contentar com o sofrimento e a autonegação e a necessária falta de desejo e prazer, que parecem a única alternativa em nossa sociedade.

Assim, os nossos atos contra essa opressão tornam-se parte integrante do eu, motivados e potencializados pelo nosso interior"[2].

"Amém (sinceramente), ao contrário do que vocês pensam, eu lhes digo: Em todo lugar e a qualquer momento em que for anunciado o evangelho, no mundo inteiro, também o que ela fez será contado, em memória dela" (v. 9).

2. LORDE, Audre. "Uses of the Erotic: The Erotic as Power", in *Sister out-sider. Essays and speeches by Audre Lorde*. Freedom, California: Crossing Press, 1984, p. 53, 56, 58.

Na primeira fase da revolução sexual moderna, o primeiro passo importante foi que as mulheres, antes timidamente e depois com maior determinação, começaram a reivindicar a própria sexualidade. O ponto central foi a reivindicação do direito das mulheres ao prazer sexual, que andava paralelamente à reivindicação do poder político e econômico.

Neste sentido, um passo de grande importância foi a demolição do mito freudiano do orgasmo vaginal.

Só quando as pesquisas conjuntas de William Master e Virgínia Johnson estabeleceram clinicamente que o clitóris e não as paredes da vagina, cujas terminações nervosas são relativamente reduzidas, é a principal fonte da excitação sexual feminina, caiu o dogma segundo o qual as mulheres que não chegavam ao orgasmo durante o coito eram consideradas imaturas ou anormais.

Esta visão, centrada no sexo a partir da perspectiva exclusivamente masculina, chamava a estimulação do clitóris como "preparação" para o "evento principal" com o qual o homem chega "normalmente" ao orgasmo. Libertar-se de falsas convicções significou abrir, de novo, o frasco de perfume das mulheres, foi dar voz ao grito de prazer, tampado, abafado, emudecido.

Este passo abriu também caminhos viáveis para os corpos dos homens, porque facilitou uma troca de prazer sexual mais rico, prolongado, dialogado, derramado, intenso.

Uma troca de prazer e de beleza, uma beleza que se faz bondade nas relações de iguais.

É importante, então, ressacralizar a mulher e o erotismo, que inclui a sexualidade. O centro é o erotismo como aquisição de poder que doa vida.

O poder do qual nós mulheres falamos não é o poder de dominar ou controlar os outros pelo medo e pela força, mas é o poder de dar vida e cuidar da vida, de consolar e recriar esperanças nos corpos cansados e derrotados, de fortalecer a vida, onde ela brota, de dar e receber amor. Sobretudo não é o poder de infligir dor, mas é o poder de dar e receber prazer e, através do prazer, exaltar a vida em abundância, derramada pelo gostoso gosto de viver.

No encanto da vida derramo meu perfume – onde o profundo e o divino se encontram

Eu vou cantar para sempre
no "zeker" do meu "dôdi",
na recordação e prazer
pelo meu amado,
o meu canto de amor
pela sua vinha,
que é minha,
que é nossa.

Amo o pedaço de terra
que tu és.
Sei que tu existes
não só porque os teus olhos,
na linha do kajal,
voam como águias
e dão luz às coisas
como uma janela aberta
nas noites de lua nova;
mas porque de barro
você foi feito e cozido
em kabylia e araucania,
na terra vermelha baiana,
num mediterrâneo sem fronteiras,
num forno maravilhado.
O nardo do meu corpo
te envolve de perfumes.

Te abraço, com o óleo do meu corpo,
como a bruma,
quando sara as feridas do inverno
e anuncia o dia de sol.
O sabor da tua língua
é "soma", tâmaras e vinho,
é calor, é frio.
Faz o coração de minha boca profunda
bater forte.
Lá, minha língua derrama-se
em perfumes e lágrimas de prazer.
Nus,
no encaixe
do verdadeiramente
profundo
belo
bom
divino,
ouvindo e cheirando o teu sono
sei que de barro somos feitos.
Na tua pele
continuará a viver em mim a terra.
Na terra,
continuará a viver em mim a tua pele.

Bibliografia

Nolli, Gianfranco. *Evangelo Secondo Marco* – Texto grego comentado gramaticalmente – Città del Vaticano: Ed. Vaticana, 1980.

Rier, Eisler. *Il Piacere é sacro*, Varese: Frassinelli, 1998.

Site Botanical. Com – http://www.botanical.com/botanicalmgmh/l/lavend13.html

Site A.G.O.R.A. (Aroma Therapy Global Online Research Archives)

http://www.nature-helps.com/agora/lauhisto.html

Neuenfeldt, Elaine. "Mulheres enganosas, traidoras ou provocativas: mulheres más!", in *Estudos Bíblicos*, n. 67 ("Relações Recriadas na Bíblia"), Vozes/Sinodal, 2000.

Buscemi, Maria Soave. "De luas, cobras, mulheres e tamareiras", in *Estudos Bíblicos,* n. 67 ("Relações Recriadas na Bíblia"), Vozes/Sinodal, 2000.

Lorde, Louis, "Lo erótico como poder", in Ress, Mary Judith, Seibert, Ute, e Sjørup, Lene (ed.). *Del cielo a la tierra: una antología de la teología feminista*. Santiago: Sello Azul, 1997, p. 437-442.

Maria Soave Buscemi
Cx. Postal, 20
88502-970 Lages, SC